

O PÃO

Da Padaria Espiritual

Gerente
Arthur Theophilo

Director
Antonio Salles

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Fortaleza, 15 de Agosto de 1896.

NUM. 31

EXPEDIENTE

“O Pão”

Revista de Litteratura e Arte.
Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	\$500

Só se aceitam pedidos de assignaturas para fóra desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua Senador Pompeu n. 167.

Aviso especial

Em vista da distribuição geral que resolvemos fazer deste n.º O PÃO, foram consideradas assignantes as pessoas que o não devolverem, no prazo de tres dias, a Lithographia Cearense, rua Formosa, n. 68.

SUMMARY—Os quinze dias, Lopo de Mendoza;—José Carlos Junior, Antonio Salles;—Marinha, Antonio de Castro;—Cahir da folhas, Lopes Filho;—O pombal, Rodolpho Theophilo;—O caso do sargento, Arthur Theophilo;—Só para nós, Sabino Baptista;—16 de Julho, Antonio Salles;—Beijos, Carlos Victor;—As ruínas, Roberto de Alencar;—Harmonia do campo, José Carvalho;—Bibliographia, M. J.;—Recados, M.;—Imprensa litteraria, Satyro Alegrete;—Archivo;—Carteira.

OS QUINZE DIAS

Bom tempo o em que eu escrevia artigos de fundo emphaticos e obesos, entremeiados com arrojados de rhetorica sedida e citações escolasticas de latim!

Bom tempo—bom e saudoso—esse em que eu, com a mesma facilidade com que arranjava um annuncio de bacalhão, ia discutindo a pluralidade dos mundos, a côr dos habitantes de Neptuno, o ultimo acto do *Syllabus*, e a demissão do subdelegado Amorim!

Coragem não me faltava, graças ao pequeno dicionario de Larousse, e, quando se precisava, como agora, de dizer aos quatro ventos que uma gazeta apparecia, se reformava ou reapparecia, lá estava eu de penna em riste, a minha cabelleira

revolta de poeta lyrico, a fronte larga e pallida lustrando de sabedoria e engenho, prompto a exhibir o boneco de engonço das minhas imagens.

E ao arabar de escrever um desses artigos,—sabia-o previamente,—o reverendo vigario o approvava, me apertando a mão, o sacristão mandava-me um cumprimento com a mãosinha leiga, e o commandante superior da guarda nacional, galhofeiro e amigo, apurava a dextra sobre o chapéo paisano, quando eu passava.

Ai, o meu rico tempinho!

Tudo isto vem a proposito deste cavaco sobre o reaparecimento d'O Pão, que hoje volta à liza de combate, porventura mais alegre e mais forte, a despeito dos maus desejos e da birra gratuita do biographo do Sr. Adolpho Caminha.

E acreditem, o reaparecimento desta revista, menos que um protesto a alvissia do informante brasileiro d'A Mala da Europa, é, si me permitem a immodestia, a realisação de uma necessidade, não sómente nossa, mas de uma grande parte da população ledora do paiz, e quiza dessa generosa terra estrangeira onde A Mala da Europa se publica. Generosa terra, sim, tão generosa como a sua imprensa, que aceita, sem mais aquella, informações de qualquer macaco destes brasís.

Porque, ó jornalistas portuguezes, eu não acho nem mau nem indecente o expediente de se publicarem retratos de brasileiros illustres; é um negocio como outro qualquer, muito rendoso e facil, mórmente para quem tem o buril do Sr. Pastor a duas patacas por dia.

Mas, por piedade, ó jornalistas de alem-mar, não consintais que se diga na vossa folha, em letra de forma, que o dentista X. faz odes, quando elle apenas arranja dentes de porcelana em placas de vulcanit, ou que a Padaria Espiritual vaehuma deploravel decadencia, quando ella está porventura no auge da sua florescia, emal começa a usar vestidos compridos.

Quanto ao resto, Mala da Europa, está tudo direito: o Caminha é um rapaz de talento, um bom romancista, um optimo funcionario publico, e o retrato não está mau... Mas... um bocadinho mais de probidade, ó jornalistas portuguezes, ó Mala, ó biographos... um bocadinho mais de probidade...

Não há povo que tenha como o brasileiro menor noção de obrigações civicas. Não há brasileiro que não lave um sello servido para utilisal-o de novo, ou que

não dê uma risada gostosa ao commetter uma transacção qualquer lesiva da fazenda publica. É isto sem a menor cerimonia, sem escrúpulos, honestissimamente.

Quando é nomeado um coronel da guarda nacional, a patria estremece de jubilo e o ar estremece de bombas; quando a ilha da Trindade é restituída ao Brasil, ou quando a integridade da nação periga, o povo fica em casa, de chambre, aliando a pança balofa e tomando o seu café. E si alguns raros entusiastas fazem passeiadas com musica, o burguez chega à janella e indaga:

—Gente, o que é aquillo?...

Mas há um erro em tudo isto; é que o entusiasmo do brasileiro só espouca ao calor do paraty. Quando o sr. ministro das relações exteriores quizer que o entusiasmo do povo se manifeste, ou que irrompa em catadupas de vivas e de hurrahs, escreva assim o telegramma da nossa victoria: «Povo brasileiro! A ilha da Trindade foi restituída ao Brasil e fica aberto o credito de cem contos de réis para a hortiacheira nacional e para as bombas. Ferva o brio da nação e o sangue dos nacionaes. Hip! hip! hurrah!»

E o povo, benevolente, sahirá para a rua, empunhara o copo, e a impulsão violenta do marixe, gritará para o sr. dr. Carlos de Carvalho:

—Ministrinho da minha vida, viva a pandega! Viva o Brasil, ministrinho do meu coração! A' nossa, Carlos!

Ao que s. exc. tem de responder telegraphicamente:

—A' nossa, Nação!

Ao contrario disto, no outro dia, nas rodas intimas, a gente terá de ouvir, mais ou menos isto:—a ilha da Trindade foi restituída ao Brasil. Que pena que não houvesse nem vinho nem champagné nem fogos de vista...

No Ceará o obulo tem ja fóros de cidade, a caridade é aqui uma força, especialmente a caridade destinada ao culto catholico. Nossa Senhora do Patrocinio esmôla. Nossa Senhora dos Remedios esmôla. Nossa Senhora do Carmo esmôla.

E há altares que vão custar a bagatella de nove contos de réis; há carilhões cujo custo daria para matar-se durante tres annos a fome de cincoenta mendigos! E por cima de tudo, ainda os mendigos tiram das esmolhas pedidas no dia uma boa parte que vão entregar, compungidamente às pessoas encarregadas das *kermesses*!

Santo povo, este do Ceará!

Vencido, eu tenho de resignar-me a este estado vexatorio, a este imposto destinado ao luxo ecclesiastico, mas protesto.

Na minha opinião, algumas egrejas de menos e uma pouca de cerimonia de mais, não podiam fazer mal nem ao culto catholico, nem ás nossas algebeiras depauperadas.

LEO DE MENDOZA

16 DE JULHO

Hoje dous annos há que as nossas vidas se penderam num doce e eterno laço. E desde então, estreitamente unidas, Seguem da vida o tormentoso traço.

E eu tão longe de ti! Cortando o espaço, Voa minh'alma em busca das queridas Plagas nataes, e phrases commovidas. Murmura, se aninhando em teu regaço.

Num deliquio suavissimo se abysma Meu ser, que em cousas do passado seisma, Secuas gentis revendo uma por uma...

E de repente, soberana e pura, Surges... e um véu te cinge em sua alvura Como um nimbus phantastico de espuma...

ANTONIO SALLES

José Carlos Junior

Há individualidades que, pelas condições especiaes do seu temperamento, por uma innata e melindrosa pudicia espirital, evitam envidosamente que ao redor do seu nome atrôe a excessiva publicidade, e se desvendam somente perante um pequeno circulo a cuja curiosidade exigente não se podem de todo esquivar.

A esses espiritos refractarios á febre de exhibição peculiar á nossa epocha de desordenada actividade tão bem servida pelos faccis processos de vulgarisação da imprensa; a esses espiritos sempre assaltados por um vago pavor do grosso publico — pertencia José Carlos Junior, o eminente e modestissimo homem de letras roubado inesperadamente ás glórias da nossa terra e aos carinhos de uma esposa adoravel e nove filhinhos menores.

Nasceu José Carlos da Costa Ribeiro Junior na cidade da Parahyba do Norte a 24 de Julho de 1860.

A sua fragilissima constituição organica condemnou-o a uma infancia sedentaria, sem essas travessuras ruidosas, sem esses brincos em que se expandem com vehemencia os organismos jovens em sua forte animalidade.

A indolencia morbida dessa creança levou-a muito precocemente a viver pelo espirito, e muito cedo os livros se tornaram sua distração unica.

Foi, pois, com brilhantismo que

fez o curso de humanidades, revelando um gosto especial pelo estudo das linguas e da litteratura antiga.

Apesar da sua timidez natural, da sua invencivel modestia, salientou-se com justo realce entre os seus contemporaneos da Faculdade de Direito do Recife, cujo curso concluiu em Outubro de 1882.

A imprensa diaria e as ephemeris revistas litterarias de então publicaram farta copia de trabalhos seus em prosa e em verso, composições dominadas por um forte cunho individual e de um perfeito acabamento, quer pela elegancia da forma, quer pela rigorosa vernaculidade do estylo.

Em Maio de 1883 chegava elle ao Ceará e em Novembro de 1884 casava-se com D. Maria Pamplona Feijó.

Aqui exerceu elle diversos cargos, enveredando pela magistratura, que abandonou logo para entregar-se com fervor ao ensino publico e particular.

E deixemos de lado o homem para estudarmos o litterato.

Dava-se em José Carlos Junior a alliança pouco vulgar da erudição solida com um delicado talento de artista.

Profundos eram os seus conhecimentos de direito, philosophia, historia, geographia, philologia, litteratura classica e linguas — manejaudo com verdadeira proficiencia o latim, o francez, o italiano, o hespanhol, o inglez e o allemão.

Como escriptor, era um prosador adoravel, cantor primoroso, finissimo chronista e poeta delicado e correcto.

Para que em tão pouca idade elle podesse accumular tão vasto cabedal de conhecimentos era preciso que fosse, como era, um trabalhador incansavel, methodico e amantissimo das cousas da intelligencia.

Leccionando diariamente diversas materias em estabelecimentos publicos e particulares, ainda sabia fazer o seu tempo render bastante para ler, para ler muito e produzir verdadeiros primores litterarios, que nem sempre publicava.

Uma boa parte dos seus rendimentos, penosamente ganhos, ia-se em compras constantes de livros e assignaturas de revistas, que formam a sua bibliotheca, modesta mas selecta.

Methodico e equilibrado nos seus processos de estudo, José Carlos não o era igualmente quanto a sua maneira de producção litteraria.

Nunca satisfeito consigo mesmo,

os seus trabalhos quasi nunca apresentavam uma forma definitiva e soffriam constantemente alterações, remodelações, faltando-lhes ás vezes o começo, o meio ou o final.

Qualquer composição que emprendesse fazia-a em forma de esboço, debuxando periodos esparsos e separados por grandes claros em que teria de encaixar trechos a que seu espirito trabalhava para dar a perfectão de uma forma impecavel.

Por este motivo não é tão grande como deveria ser o seu espolio litterario.

Sabemos que deixa incompleto um bello estudo sobre politica americana, que pretendia intitular *O mal americano*, e um consciencioso estudo da lingua portugueza.

Ao enfermar estava trabalhando numa série de biographias de notabilidades recentemente fallecidas, sob a epigrafe — *Os que se foram*, já tendo publicado as de Zorilla, Zanel-la, Winthorst, Tennyson, Jules Ferry e muitos outros.

São verdadeiramente interessantes essas biographias, que de uma maneira rapida e incisiva recortam a physionomia intellectual desses grandes espiritos. Reunidas a numerosos outros trabalhos criticos igualmente criteriosos e bem feitos, formarão um livro precioso.

Dão talvez dous bons volumes os seus contos e outros tantos as suas poesias.

E falando dos seus contos, affirmemos sobranceiramente que a litteratura brasileira não possui cousa melhor no genero.

José Carlos tinha um talento encantador para escrever contos — ramo litterario tão pouco cultivado em nosso paiz. Delle conhecemos alguns adoraveis, como — *Per pars Starranja*, *Os canhões amarelos*, *Que teria dito o Fritz?* e muitos outros verdadeiramente primorosos.

As especulações philologicas que de ordinario esterilizam os professores e lhes tornam o estylo pesado e inesthetico, apenas se trahiam em seus escriptos pela extrema correção grammatical que os dominava sem quebrar uma unica linha do fino contorno artistico da sua prosa.

Em grande parte dos seus contos vibra delicadamente a nota humoristica, mas muito ao de leve, sufficiente apenas para frisar com um bom sorriso o labio do leitor. Lá uma ou outra ironiasinha ferrão ás vezes os ridiculos da vida, mas tudo com aquelle commedimento que lhe era peculiar em tudo.

A sua obra poetica é igualmente brilhante.

A sua musa não tem grandes arroubos de alegria nem grande soluços de dôr. Este e aquelle sentimentos resôam em sua lyra com uma expansão ou uma plangencia igualmente suaves—um mixto de Sully Prudhomme e Campoamor com ténues laivos de Bartrina.

Deixa entre suas poesias um bom numero de traducções, contando-se entre as de maior folego *Os sinos* de Schiller, que é tambem uma das mais antigas.

Seu lar, onde o problema da felicidade conjugal havia encontrado a mais perfeita solução; seu lar onde uma esposa magnificamente dotada de espirito e de coração e um rancho de creanças adoraveis o cingiam num circulo de santissimos affectos—inspirou-lhe talvez as mais delicadas e as mais sentidas das suas poesias.

E nestas, como nos contos, como em tudo que sahia da sua penna, a pureza da linguagem se casa á elegancia da forma—peças de ouro antigo caprichosamente buriladas por um requintado artista de hoje.

Nós da Padaria Espiritual, que sempre o tivemos por mestre e que ha tempos o escolheramos por chefe, tomamos desde já com as Lettras Patrias o compromisso solemne de trabalhar com todas as forças para que tão sagrado espolio tenha a publicidade que merece.

E' preciso que a gloria venha illuminar agora o nome d'aquelle que tão pouco a buscou e tão digno era dos seus mais puros lauréis.

Ceará, 96.

ANTONIO SALLES.

O caso do sargento

Ao Antonio Salles

Subitamente, elle ergueu-se, enfiou as botas *riunas*, e de ceroulas, o largo peito nú, poz-se a andar no pequenino compartimento, puchando agitado a barba escassa do *cavaignac*, os olhos desvairados e seccos.

Fôra, na praça, a tormenta rugia, fôrte e compacta, fustigando as mongubeiras, remoiando no espaço, e entrando pelas frinças das portas e pelos beirões das casas, numa grandeza epica de cataclysmo. Trovejava incessantemente. Relampagos rapidos riscavam de fogo o horizonte torvo.

E mais alta, e mais intensa e mais compacta desenrolava-se na alma do pobre soldado,—preso injusta-

mente pela primeira vez nesse pequenino quarto da reserva,—a tempestade de mil infortunios accumulados, fria e longamente, sem um protesto e sem uma queixa, durante esses longos trinta e um annos de vida mesquinha e ingrata.

Estugando o passo, o sargento continuou a andar, anormalmente, numa lamentavel disposição de espirito, a cabeça pesada e tonta como si dentro do craneo se tivesse despejado o sangue de uma arteria.

Numa volta, viu brilhando a um canto o aço novo da carabina. A tentação allucinou-o de todo.

E nervoso, vibrando todo ao contacto frio da arma, cujos fechos escangulhou á luz, introduziu-lhe dentro a bala que o ia salvar por completo e para sempre dessa miseranda existencia de vil.

Depois, mais calmo, e assaltado pelo medo que acommette aos condemnados nos ultimos momentos, deitou-se arrimado aos cotovellos sobre a colcha vermelha, pensando na vida.

II

Fôra a tia Engracia quem o amparára por caridade nessa triste manhã em que lhe morrera a mãe, e a rede da defunta,—conduzida num pão por dois labregos,—se sumira pela ultima vez na encruzilhada branca da estrada.

Quando entrou para a choupana onde agora ia viver a vida de orphão, no desconsolo da sua saudade, o marido da tia, feio e austero, lhe arremeçou logo uma injuria:

—Agora era deixar a preguiça... De madrugada não tinha que saber, era tomar a enchada e largar para a roça.

Obediente á quella ordem do tio, era vel-o todo o dia, ao quebrar das barras, seguindo o trilho da vereda, em procura da roça onde agora a sua enchada ia cavar o pão mesquinho de hospede.

Nunca mais lhe fallaram da mãe.

Um dia em que se atreveu a lembrar-a e a perguntar pelo pae, o marido da tia Engracia respondera-lhe brutalmente:

—Que pae! Vossê já viu filho de mulher solteira ter pae, homem?!

E ria-lhe na cara, ironico e perverso, dizendo a quella villania.

Durante seis annos, o pobre rapaz viveu a amargurada existencia de orphão caridosamente recolhido,—vilipendiado, trabalhando na roça desde a madrugada até a tardinha, ao arder da soalheira.

Em Outubro era a *bróca á foice*, —um maldito trabalho capaz de extenuar um bruto.

Depois a *queima*, depois as *covaras* que elle fazia sósinho juntando em montões toda a madeira grossa que houvesse resistido ao fogo para queimar-a de novo parcialmente. Começava em fins de Novembro a enfadonha construcção da cerca de *caigara*...

E quando cahiam as primeiras chuvas, era elle quem ia, de enchada ao hombro, cavar as covas para o plantio. E era elle ainda quem ia dias e dias, no rigor da invernia, espantar dos arrozões em flôr os bandos de periquitos ladrões, mettido até os joelhos na agua dos corregos, paciente e curvado como um escravo, todo encolhido na sua roupa de algodão da terra.

A's vezes—para cumulo de rebaixamento—os primos, arreganhando os dentes hostis, allegavam-lhe favores:

—Vossê é uma peste; não paga o que come...

Nunca fôra á missa, nunca vira um *samba*. Aos domingos, quando a familia, mettida nos fatos novos, ia á villa, elle ficava em casa guardando os trastes e pondo sentido á *fazenda*, só e resignado, numa obediencia passiva de cão.

III

Um dia, não poudo mais aguentar a miseria...

Na vespera o marido da tia batera-lhe brutalmente, aviltando-o aos olhos da prima Martha, que elle queria numa muda e casta adoração.

Era demais tambem!

Perdesse, embora, o amor da prima, mas ia ganhar a vida para longe dessa terra amaldiçoada.

E sahiu de casa da tia, uma noite, quando todos dormiam.

No terreiro onde o luar cahia numa soberbia de dominio, o *Gigante*, o seu unico amigo talvez, vigiava a casa.

E agarrado ao cão que o lambia todo, movendo a cauda amiga, o desgraçado fugitivo, num supremo desespero de morte, chorou amarguradamente, nessa derradeira noite, quando ia para sempre deixar a terra aonde nascera, a prima amada, e o affecto desse animal,—restos espedaçados por elle mesmo de toda a sua vida de infancia, miseravel e escura.

La alta a noite, quando elle sahiu, triste e sósinho, pela estrada branca, levando a rede a tiracollo.

No ar andava um aroma forte de marmelleiros; era a seiva dos vegetaes pullulando na grande noite calma toda envolvida pelo oiro macio do luar.

IV

Na capital, matuto e só, desamparado á sorte, o seu infortunio cresceu, e pela primeira vez assaltaram-n'o desejos de acabar a vida.

Faminto, sem emprego, consultou um dia a um carroceiro, e este gritou-lhe em plena rua, abandalhando a voz indifferente:

— Homem, quem não tem o que fazer assenta praça na policia. É o geito...

Numa segunda-feira, appareceu elle envergando a farda de recruta, desageitado com aquillo; as botas apertavam-lhe os pés, e sentia-se incommodado dentro d'aquella complicada vestimenta cheia de botões dourados e de tiras de sola lustosa.

Muito tempo depois, promoveram-n'o a sargento por bons officios.

E dois mezes depois, ao cabo de quinze annos de praça, nessa noite de inverno, mandaram-n'o preso pela primeira vez para a reserva da companhia.

E allegavam a disciplina quando elle apenas tinha repellido uma injuria!

— Semvergonha, elle! Confessassem, o capitão Velloso fóra imprudente...

E arrependia-se de não ter esganado o capitão atrevido que lhe insultara publicamente, na presença dos inferiores da companhia.

— Bem diziam, a corda só quebra do lado mais fraco.

V

E para que continuar essa miseria de vida? pensou, levantando-se pela segunda vez, livido, insomne, na sua loucura de deshonrado.

Fóra a tempestade rugia, e trovões amiudados rolavam como uma descarga potentissima de canhões.

De repente, o sargento tomou uma resolução decisiva, agarrou a carabina e desfechou o tiro no ouvido.

A detonação casou-se á voz dos trovões, e a chuva continou a cahir pesada e forte como uma avalanche.

VI

De manhã, os camaradas do suicida encontraram-n'o morto, retorcido tragicamente pelo baque fatal, os olhos esbugalhados fóra das orbitas, a lingua rija, os cabellos empastados de sangue...

Tinha cessado a chuva, e pelo calçamento molhado, pelas monguebeiras sadias e lavadas da inverno, pelos telhados vermelhos e limpos, por toda a parte, enfim, a onda do sol se alastrava gloriosamente.

Ceará, 1896.

ARTHUR THEOPHILO,

MARINHA

Reclinada indolente á beira-mar
Dorme a cidade agora socegada.
Toda envolvida assim, toda banhada
Pela luz merencoria do luar.

Além... de extensos morros recortada.
Desenrola-se a praia. Sem cessar,
Vem nupçamente as gulas se espalhar
Na alva areia de espumas salpicada.

Sem mancha alguma, azues inteiramente,
Em baixo, o mar, o pobre mar plangente.
Do céu, em cima, a indefinida teta.

E a luz pequena do pharol distante,
Mostrando o porto ao tardo navegante.
Viva scintilla, como viva estrella.

26 - 7 - 1906.

ANTONIO DE CASTRO.

Bibliographia

Arthur Lobo *Kermesses*. — Lacomert & C. — Rio de Janeiro — 1896.

O nome das ruidosas festas populares da Hollanda não quadra bem ao suave e delicado livro de Arthur Lobo. Mas pondo isto de parte, grato nos é afirmar que o sympathico poeta mineiro progrediu grandemente e para ser um poeta feito falta-lhe apenas mais um bocado de personalismo — qualidade tão indispensavel ao poeta quanto dispensavel ao prosador.

As reminiscencias da forma de Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Corrêa ainda são bastante perceptíveis no verso de Arthur Lobo, que, em compensação, metrificou correctissimamente, rima com facilidade e elegancia e possui um vocabulario rico, brilhante e sem esse empastamento de palavras raras que se ligam pacientemente na profundidade dos lexicons.

O autor das *Kermesses* pagou tambem o seu tributo áquella epidemiasinha mental que reinou ha pouco tempo e se decorava com o nome de *symbolismo* — uma influencia litteraria que quasi ia desbordando algumas cabeças aproveitaveis, e desse *accessão* se resentem algumas composições finaes do seu livro. Essas, felizmente, são poucas e não têm os exageros e as extravagancias que caracterisam a tal *enfermidade*.

O estreitissimo espaço de que dispomos só nos permite agora apertarmos vivamente a mão do poeta, felicitando-o pela publicação das *Kermesses*, — livro inspirado, sadio, claro, vibrante — e, finalmente, esplendidamente impresso.

Claudio Gil — *Coisas castas*. — Hugo & C. — Recife — 1895.

A reticencia que prolonga o titulo desta obrinha deixaria perceber logo o seu genero si o não deixasse o adjectivo — «castas», ocioso si fosse verdadeiro. Nada castas, portanto, são estas *Coisas* de Claudio Gil, que aliás protesta n'um espi-

rituoso prefacio contra quem chamal-as — «torpes» ou «de fancaria».

Não seremos nós quem tal diga, embora achemos que o Claudio carregou bastante a mão na pimenta...

Mas tem graça o patusco do Gil, e o mais pudico não teria bastante virtude para deixar em meio um de seus contos ou de suas poesias.

Ha chiste natural naquellas bregeirices, chiste de que esperamos fará o Gil melhor emprego em seus trabalhos futuros.

M. J.

Archivo

Durante o tempo em que esteve suspensa a publicação desta revista, recebemos grande copia de publicações de diversos generos, que seria trabalhoso e já inutil innumerar agora, do que pedimos desculpa a todos os amaveis remetentes englobadamente.

Por hoje temos que accusar o recebimento de:

Nel Brasile, estudos industriaes sobre Minas Geraes, por Carlo Fabricatore;

Zara, um folheto contendo novas traducções das duas celebres quadras de Quental;

Canzone della Culla, dous folhetos com traducções italianas da *Canção do berço* de Joaquim de Aranjó, uma de Teza e outra de Peragallo;

Stanze all'infante Don Enrico, de Duarte Almeida, traducção de T. Canizzaro;

Nel sobborgo di Sant' Anna, soneto de Joaquim de Aranjó, traduzido por F. Paolo Pace;

Deuxième congrès international de la presse, artigo de X. de Carvalho, representando *O Paiz* no referido congresso.

Devemos a remessa de todos estes interessantes trabalhos á gentileza do illustre litterato, Joaquim de Aranjó, nosso correspondente em Genova.

Recebemos mais;

Fases. 12, 13 e 14 d'*O Cenaculo*, a excellente e conhecida revista paranáense;

O fasc. de Março, da *Arte*, revista portugueza de Julio Lobato e Raul M. Pereira;

Patria, polyanthéa bellamente illustrada com um retrato e nitidamente impressa em Alagoas, commemorando o anniversario de morte do Marechal Floriano;

Tomo X, do 2.º trimestre deste anno, da Revista do Instituto do Ceará, onde se destaca um interessante artigo de Antonio Beserra.

A todos — muitissimo agradecidos.

As rosas

Amanhecerá impressionada.

Seus grandes olhos pretos, de uma quente expressão lasciva,—os infinitos encantos do seu rosto, branco e levemente corado,—estavam nessa manhã como dois passaros meio adormecidos no benéfico calor de um ninho.

Sentara-se à janella que abria para o jardim, a ler, ou a passar a vista, simplesmente, pelas paginas de um livro que tinha agora aberto no collo, marcado pelo pequenino dedo côr de rosa.

Lera muito, como quem tivesse pressa em acabar, sofredamente.

Agora, porém, o livro lhe cahira das mãos, quasi sem ella o sentir, e deixou-se envolver a tã, vagamente, num torvelim de recordações gratas umas, ferinas, outras, como um suíça que se deixa levar pela correnteza de um rio, sentindo a imminencia do perigo que elle proprio procurou, mas sem poder sollar um gemido, ao menos, porque aquillo o agrada...

..

Era mais ou menos a situação de D. Lydia.

Moça, impressionavel, apaixonada dos romances, aprendera a amar os gosos, todo um mundo de luxos requintados cuja não realidade a aniquilava, tivera por esposo um negociante rico que usava oculos e tinha o collete quasi na linha do immenso nariz.

Casamento arranjado por conveniencias de familia, de resto. Não fora ouvida a respeito e, quando cuidou em si acordava numa manhã ao lado daquelle homem ridiculo e ignorante, que a acariolava de um modo que antes lhe causava tedio. Seu primeiro impulso foi de revolta.

Mas, logo, passou-lhe pelos nervos um como arrepio, alguma coisa boa, uns pruridos de desejo que podia ser satisfeito alli e se aconchogou mais para o marido.

..

Por esse tempo formava-se no Rio o Plinio de Gouveia. Era um bacharel muito amigo de sua familia, que o antipathisava, mas que fôra a primeira paixão de D. Lydia.

Tinha chegado havia seis dias. Ao saber do casamento da ex-noiva fez um gesto de desprezo ou de quem pensa: «melhor!»

Visitou-a no dia seguinte.

Surprehendeu-a no seu opulento roupão azul, numa pose elegante de mulher bonita, os cabellos soltos, os olhos inflamados de um doce effluvio suggestivo.

Ao ver o Plinio, passar pela janella em direcção à porta, ficou toda num alvoroço, correu, abraçou-o e, não o beijou alli mesmo, em presença dos creados porque lhe passara de subito, como uma advertencia má, a ideia abominavel de que estava casada.

..

A esta succederam-se outras visitas. Plinio ouviu dos labios de D. Lydia a revelação de que detestava o marido, «um sujeito que se chegava para ella a palitar os dentes, que me enche o rosto de laforçadas de fumo», disse rindo bonito e ironico.

..

D. Lydia recordava agora precisamente uma dessas visitas. Fôra à noite. O marido sahira para o theatro. Ella

não quizera ir pretextando indisposição. Plinio viera ás oito horas.

Os creados estavam lá para dentro contando aneddotas, casos alegres. De quando em vez chegavam gargalhadas que pulhavam na sala, notas de uma viva sensualidade de mulheres em conluio.

Lydia! Onde estava a Lydia? interrogava-se alto o negociante, surpreso, a entrar e sair.

Onde está a senhora? Indagou de uma creada.

—Eu não sei não senhor. Ella estava ahi com o seu Plinio. E abafou o riso na ponta do avental.

Nisto entram os dois.

—Aposto em como não foi ao theatro!

—Não, foi transferido, disse-me um amigo no Jara.

—Pois olha, como que estavam adivinhando, eu e o Plinio. Fomos colher rosas para te offerecer, pensamos, quando voltasses.

E emfeitou-lhe a botoeira, o chapéo, os bolços de flores, com umas maneiras incomparaveis de delicia e graça.

..

D. Lydia, presa a estas recordações agora, experimentava ás vezes como que a sensação de um punhal que se embebe pelo coração a dentro, homicida e agudo.

Assallava-lhe a ideia de que o marido presentira alguma cousa e se tinha deixado ficar em silencio, sem um movimento, numa bella posição de estatua que tivesse commettido algum delicto.

E, no meio desse tumultuar de pensamentos, de uma revolta de esperanças de novos horisontes claros para a sua vida escura, disse baixo, tremula, quasi como um gemido.

—Si elle me matar?

Neste momento, arrastando os chinellos, dentro da sua camisola de chita, terminando o café, o negociante dirigia-se para a sala, palito à bocca.

E, enlaçando docemente a esposa, affagando-lhe o queixo:

—Tolinha! Rosas para quando eu voltasse! O Plinio!

E D. Lydia, tomando-lhe as mãos, levantou o formoso pescoço farto e, deixando-o pender para um lado languorosamente, mostrou, esboçando um riso, uma dentadura alva e certa.

ROBERTO DE ALENCAR.

28 de julho.

—

CAHIR DAS FOLHAS

Do Antonio Sales.

Setembro: o vento torrido devastava
O campo inteiramente incendiado...
E a folha sêcca o vendaval arrasta
Pelo deserto do ar illimitado!

Ave-Maria: as rôlas foragidas,

Meiânicamente,

Gemem, porém tão tristes e sentidas,
Que seus arrulhos fazem mal à gente!

..

Ha em noss'Alma identica estação
Cheia de maguas e saudade e dôr,
—Quando vóam de nosso Coração
As petalas do Amor!

LOPES FILHO.

Recados

A *Mala da Europa*, em seu numero 52, traz um retrato do distincto escriptor cearense Adolpho Caminha e a biographia do mesmo, assignada por Magalhães Lima.

Nada teriamos a dizer sobre isto ou teriamos simplesmente que fazer nossas as palavras do illustre biographo si esto, referindo-se incidentemente á Padaria Espiritual, não houvesse affirmado que a nossa associação *agora entrou numa epocha de decadencia*.

Certos de que Magalhães Lima baseou a sua affirmação sobre informações que lhe ministraram os amigos do biographado, limitamos a objectar-lhe delicadamente que abusaram da sua boa fé obrigando-o a avançar uma proposição de todo o ponto falsa.

A Padaria Espiritual é ainda bastante joven para já ter chegado á phase da decadencia e, a despeito das perdas que tem soffrido por morte de alguns dos seus obreiros, continúa a trilhar corajosamente a senda que traçou no dia de sua fundação.

No primeiro semestre deste anno editou duas obras—*Os Brillantes* e as *Vagas*, tem a sahir do prelo nestes dias os *Dolentes*, de Livio Barretto, e, si Deus não nos faltar com a sua boa vontade, ainda este anno entrará em composição algum dos diversos trabalhos que estão soffrendo os ultimos retoques em mão dos respectivos autores, companheiros nossos.

Ha de concordar Magalhães Lima que uma *decadencia* tão fecunda como esta vale bem a florescencia das mais activas associações congêneres.

Si o symptoma de decadencia era a suspensão temporaria d'O Pão, está elle de novo sempre galhardo e desta vez disposto a vencer todos os obstaculos que tentem por ventura obstruir o seu itinerario.

Terminando este cavaco, aconsellamos Magalhães Lima a por-se em guarda contra esses boatos de *decadencia*—originarios talvez da cabeça de algum *decadista*—casta de gente com a qual é preciso ter o mesmo cuidado que se tem com os macacos e os malucos...

M

O pom bal

(Excerpto do romance em preparação—HISTORIA DE UM CASO...)

A Varzea de Fora era uma bonita planura de mais de duas leguas

de extensão. Vigosas carnahubeiras, com uma longevidade de séculos, abriam os leques das verdes frondes aos bafejos da ventação, que tirava d'ellas, as anais saudosas harmonias.

De espaço a espaço se erguiam as hastes indivisas e rectas destas palmeiras projectando sombras esphéricas sobre o solo, que se vestia de uma vegetação humilde de carrasco. A terra coberta de seixos miúdos numa promiscuidade de formas e de cores, reverberava o sol, que se approximava do zenith.

A luz mordida em cheio a superficie lisa e prateada das carnahubeiras e se refrangia depois numa irradiação de cegar. O espaço em plena claridade, sem uma sombra de nuvem que lhe turvasse a transparência, encandeava, se os olhos procuravam mergulhar-se por elle a dentro,

Queiroz e Belmonte chegaram á Varzea quasi ao meio dia; estava ainda soturna e deserta. Apeararam-se e prenderam os cavallos a uma tronqueira de sabiá.

Nada viram a principio que lhes attrahisse a attenção. Entraram pela varzea, e Queiroz, que inspecionava tudo com os seus sentidos despertos e apurados, olhando o chão, exclamou com enthusiasmo: —Está aqui o *pieiro*! E abaixando-se apanhou alguns ovos frescos, brancos como pedras de sal e do tamanho de um guagirú.

O matuto não se conteve mais. Andou para a direita e para a esquerda e para qualquer parte que olhasse avistava, misturados com os seixos, pontos alvos, o chão sara-pintado de branco, como se tivesse cahido uma chuva de granizo aqui nas terras quentes do equador.

Abaixava-se e levantava-se como um boneco de engonços apanhando os ovos, cuja frescura mostravam na translucidez das cascas expostas á luz, eia mettendo-os nos bolsos do gibão. Em pouco tempo já não tinha mais onde os guardar; estavam os bolsos das calças e da veste a estourar de cheios. Quanto mais ovos apanhava mais ovos descobria a sua vista entre as pedrinhas do solo. Belmonte, imitava Queiroz e tinha já feito tambem uma boa provisão.

O dia continuava claro, e na Varzea apenas se ouvia o ciciar monotono da ventação nos leques do carnahubal.

De repente os sortejeiros foram surpreendidos por um sussurro longinquo semelhante ao murmurar

das vagas. Mas o mar estava a algumas dezenas de leguas.

Queiroz, impressionado pelo extranho som, que cada vez mais se accentuava, inspecionava com a vista a varzea accessivel aos seus olhos. Nada descobria... E pouco e pouco o dia começou a se empanhar, e a luz do sol, até então viva que doia nas retinas, a amarellecer, a desmaiar, como se o fumo de um grande incendio se interpozesse entre o astro rei e a terra. Aquelle crepusculo extemporaneo, aquelle eclipse parcial assustou os matutos, que olhavam um para o outro interrogando mudamente a causa de tão extranho phenomeno.

Jogavam ainda o siso, quando a luz desmaiando mais e o sussurro augmentando de intensidade arrancaram-nos da perplexão.

Temendo que o dia se apagasse de todo, instinctivamente ergueram os olhos para o ceo a ver o que escondia o disco luminoso do sol. Uma nuvem negra viram elles nas alturas e tão grande que cobria como um nimbo de borrasca quasi o espaço inteiro.

A massa escura, que tão alto pairava, descia, e o pedaço de terra occupado pela densa penumbra, esfriava e era varrido por um vento rasteiro, como sahido de um folle que soprasse de cima para baixo.

A varzea até então deshabitada, foi se povoando de animaes, e os reptis appareceram como se o mundo começasse agora nesse pedaço do globo.

Saurios de todos os tamanhos sahiem das tocas, avisados pelo esmorecimento da luz da oportunidade de sua appareição.

A nuvem descia sempre, e já Queiroz e Belmonte sabiam que ella não era formada de vapor, porém de myriades e myriades de pombas, que desciam num vôo sereno em direcção á terra. A varzea seria em breve inundada por um diluvio de pennas.

Quando o enorme bando pairou a cincoenta metros do solo, quasi escureceu, e uma lufada violenta, e mais outra e depois outra varreram o chão levantando as folhas secas, que voavam e iam se atufando em medas nos troncos das carnahubeiras.

Queiroz teve um arrepio; aquelle extranho espectáculo sacudiu-lhe os nervos todos do corpo. Pensou até em morrer esmagado pela nuvem e asphixiado sob aquelle lençol de plumagem.

O susto, entretanto não impediu que continuasse absorto na contemplação de tão maravilhosa scena.

Os seus olhos se conservavam fixos na nuvem que já tocava as frondes das mais elevadas palmeiras.

O bando denso e volátil fracturou-se de encontro ás ventarolas das arvores e cahiu numa oscillação leve de pluma que fluctua, dividido-se em myriades e myriades de corpos, que pousaram em terra.

O crepitar secco dos pés das aves nos seixos, o cicio das suas azas, que se fechavam, e o seu arrulho tremulo se fundiram num ribombo cavo, como um rolar de trovão subterraneo, que encheu toda a area da varzea e se espalhou no espaço ecoando nas paredes dos proximos oiteiros.

Cahido que foi o vôo plumoso, a luz voltou a illuminar aquelle pedaço do campo.

Queiroz estava deslumbrado com o esplendor daquella scena. Todos os seus sentidos se condensavam nos olhos, que tinha accezos e fixos em rigorosa observação.

As aves, de ariscas que erão estavam mansas e tão mansas que nem se assustavam com a presença dos homens, e algumas houve que na descida, quasi pousaram sobre elles. Aquella indiferença muito admirou os matutos, que estavam acostumados a ver em taes pombas o typo da caça espantadica. Ellas arrulhavam em derredor d'elles e no delirio que as allucinava numa excitação doentia, andavam num lufa-lufa dos demonios, e por onde iam passando ia ficando o chão coalhado de ovos.

O trovão continuava a se ouvir, cavo, continuo, longinquo.

Queiroz internou-se pela varzea com Belmonte e por toda parte via o mesmo espectáculo.

A demencia das rolas e a quasi suspensão do instincto da conservação, attrahiram ali carniceiros de todas as especies e começou a matança. E o homem, de todos o maior carnívoro, o carnívoro consciente, tomou parte tambem n'aquelle banquete de sangue.

Das tocas, dos esconditijos sahiam em primeiro lugar os felinos e representados ali pelos gatos maracajá e mourisco e estas pequenas feras cahiram sobre a inerte legião de aves e grande foi a devastação.

A sua ferocidade não tinha limites, não matavam somente e empantalhavam os corpos de tantos de cheros de carne carrentes, matavam

ainda porque matar era o instincto delles.

As raposas com seu fare apurado haviam sentido de longe o cheiro da carne e vieram ter ao pombo. E com que fereza comiam ellas aquelles tenros corpos, fazendo de cada ave um bocadinho só!

De saurios havia ali um grande numero e muitas variedades. No tamanho e lavor da epiderme, que era semelhante a uma renda de prata velando uma superficie negra e lustrosa, primava o tijuassú, que abria caminho no bando, chicoteando com sua valente cauda as aves, que cabiam mortas, enquanto elle ia se fartando de ovos, que engolia com gula e pressa. As *tijubinas*, menos nocivas, com a pelle sapintada das cores do iris, num feio andar desengonsado, comiam do mesmo modo que os tijuassús, mas não offendiam as rolas.

Os marsupiaes tomavam parte tambem na matança.

Cissacos do tamanho de um gato e menores do que um préa, de variedades distinctas, mas cada qual mas perversa, mais sanguinaria, iam degolando com sua afiada dentruça de piranha, as rolas e bebendo-lhes o sangue até a derradeira gotta.

Esgotado o corpo deixavam-no, e sangravam outra victima.

As pombas, no delirio que as alucinava, nem pensavam em fugir e muito menos em se defender: si a natureza armonias de um bico, que só pode beijar, cantar e dar comer aos filhos!

Queiroz interessava-se vivamente pelo que testemunhavam seus olhos. Revoltado contra a fereza dos algos e cheio de piedade pelas victimas, armou-se de um varapau e poz-se em defeza das aves. Alguns instantes de escaramuça convenceram-no que seus pés matavam mais do que as raposas e os gatos.

Em nenhum bicho havia batido o seu cajado. Certo de sua nullidade, cruzou os braços e limitou-se ao papel de simples espectador.

Belmonte ajudava tambem a devastar. Mais de cem pombas ja havia estrangulado e reunido numa *embirissica*.

De diversos pontos da varzea viam sons de voz humana, gritos e risadas: eram dezenas de sertanejos que tomavam parte na carnificina enchendo cargas de ovos e de aves.

Os bichos mais asquerosos e abjectos cevavam-se tambem naquella abundante repasto.

Os cururús e as gias saltavam como numa dança macabra e iam se fartando de ovos que engoliam inteiros.

As cobras estiravam as cabeças fora dos buracos e agarrando as rolas pelos pés, sumiam-se com ellas para o fundo das tocas.

Do ar desciam os gaviões num vôo de flecha disparada sobre a presa, que, uma vez espetada nas garras da ave de rapina, era levada estrebuchando de espaço a fora.

A fertil imaginação de Queiroz não havia creado sequer o esboço do quadro que a realidade lhe apresentava. Aquella luta desesperada pela vida, a natureza multiplicando aquella especie de um modo assombroso e os homens e os brutos procurando anniquilal-a, empenhados de veras em fazel-a desaparecer.

O dia chegava ao fim e a sede de sangue dos carniceiros não se mitigava.

O sol escondeu-se de todo no potente e a claridade baça do crepusculo derramou-se pela terra em ondulações que faziam tristeza, que avivavam saudades. O esmorecimento da luz foi no exercito das *avocantes* o signal de retirada.

O trovão rouco que rolava havia muitas horas ribombou mais intenso e mais cavo. Milhões e milhões de azas se abriram num vôo sereno e a nuvem enorme de aves se levantou da terra e foi escurecendo, fechando em noite densa os logares onde chegava a sombra d'ella, até encontrar a floresta proxima, e baixando poisou na ramaria das arvores.

Tudo voltou ao silencio depois que as ultimas ondas d'aquelle ruido se perderam alem nas profundezas do espaço.

Os dous homens temendo que a noite se fechasse de todo antes de sahirem da varzea voltaram ao lugar em que haviam deixado os cavallos.

Por toda a parte o chão coberto de ovos e de pennas ensanguentadas. Muito surpreendendo aos matutos a retirada da pombas; elles pensavam que ellas ficassem ali chocando, como as outras aves, deitadas no ninho, alimentando a incubação com o calor do corpo.

Mas assim não era; os ovos seriam incubados pelo calor do sol. As pombas voltariam no dia seguinte ás mesmas horas, para continuar a ninhada e as mesmas scenas de sangue, a mesma carnificina se perpetuaria.

Finda a postura voltariam as fe-

meas a observar o sitio e saber se os filhos ja eram nascidos. Ao sair do ovo o borracho não se acharia desamparado: no lado delle estaria a ave mãe para alimental-o, mas não para defendel-o, pois os pequeninos tinham matadores e a ellas faltavam armas de defeza. Eram os batrachios os mais encarniçados inimigos das aves novas.

Com que gula o asqueroso sapo comia o borracho ainda implume, e molle de gordo!

A avaliar pela destruição, a ninhada desapareceria e com ella a especie. Mas era tal o numero de embriões a germinar que, por mais que os destruíssem, ficavam milhares e milhares que escapavam aos inimigos sob uma folha ou misturadas aos seixos.

Passada a primeira infancia das rolas, uma legião de milhões levantaria o vôo ainda curto, e deixando aquelle sitio iria seguindo os progenitores, como aves de arribação que eram, fazer poiso em outras mattas.

Queirez e Belmonte, para fuzando em alguns mysterios das scenas, que acabavam de testemunhar, voltaram para as suas casas.

RODOLPHO THEOPHILLO.

Só para nós

Pedes-me versos intimos, sentidos, cheios de um puro e santo amor profundo, versos que sejam meditados, lidos só por nós deis e mais ninguém no mundo

Versos que cantem, ternos, aos ouvidos de nossas almas, que nos gravem fundo, nos corações, pela amizade unidos, sonhos de amor—segundo por segundo

Versos que falem de bonança e calma, que nos accorde e nos desperte na alma doces caricias, doces illusões

E eu, -- muito embora pouco harmonioso -- versos te faço tão affectuosos que só os entendem nossos corações

Julho 1896.

SABINO BAPTISTA

Harmonia do campo

AO RODOLPHO THEOPHILLO

Na pobre choça perdida
A' sombra do matalgal
Ouve-se a queixa sentida
De uma canção maternal

O choro de uma criança
Doente, talvez sem pão,
Que a mãe na rede embalança,
Ouve-se unida a canção

E a rede em vaivem cadente
A ranger nos armadores
Completa o hymno plangente
Que morre nos arredores

CEARA

1896

BEIJOS

Fita nos meus, num mystico abandono,
Teus olhos, flôr; e as tuas mãos, querida,
Da-n'as p'ra que em perfumado somno,
Unam-se as nossas vidas numa vida.

Chega-te mais... assim... Que o teu perfume
De perto suita e aspire a sorvo largo!
— Frio? Os teus olhos têm bastante lume
E convidam a tepido lethargo..

A noite e, como a noite dos amores,
Doce... Refulgem pela negra teta
Estrellas em cardume... Sobre a alvura

Do quente seio teu crestam-se flores...
E em febre, então, te vou beijando a bella
Bocca pequena, perfumada e pura.

29 de Julho 96.

CARLOS VICTOR.

Ao redor da fogueira...

I
Explendida a noite de S. João, noite
cheia de luar, do perfume das flôres sil-
vestres que desabrocham ao orvalho,
cheias de seiva, pelo campo a fóra...

Instante a instante, ouve-se o troar da
roqueira ecoando ao longe, assustando
as avesinhas que despertam tremulas, a
pipilar, na ramagem virente das arvores,
na maciez bôa e tepida dos ninhos.

A' margem da estrada que se desdobra
à vista numa extensão immensa, indefi-
nida, toda alvacentá, banhada pela luz
da lua, leve, pallida e branda, vêm-se fo-
gueiras a crepitar no terreiro das casas,
pequenas casas, de palha umas, outras de
telha; grandes fogueiras tendo no centro,
muitas delas, mamoeiros novo ainda, cu-
jas folhas largas e grandes pendem em-
murechidas pelo calor das chammás que
sobem...

Pobres plantas, ha pouco tão verdes,
tão cheias de vida!

II
Bonita, talvez a maior de todas d'a-
quelles logares, a fogueira que arde em
frente à casa do João da Rita, lançando
ao ar, levadas pelo vento, grandes faiscas
vermelhas, que se apagam, não muito
longe, uma a uma...

Tamborêtes, tóscos bancos de madeira
collocados fóra servem de assento aos
numerosos convivas, que se divertem,
contentes, despreocupados, não pensân-
do sequer nos dias que têm de vir, dias
cheios de fadigas, cheios de trabalhos.

Uns dançam ao redor da fogueira, num
sapatear ligeiro, a fazer mil requebros,
a atirar castanholas; outros cantam, em
desafio, ao pé da viola que suspira e ge-
me, como si tivesse vida, como si sentis-
se.

Perto, escuta-se, de quando em quando,
o hater do canôa, um velho canôa de
flandre, numa grande jarra cheia de alua,
que se esvaia aos poucos.

E a festa continua, festa simples do
campo, numa alegria espontanea e fran-
ca, ao sereno, n'essa noite limpida, toda
enluarada.

III
Maria da Conceição, que se acha pre-
sente e uma das moças mais desejadas,
para quem se voltam mais olhares, uns
cheios de amor, cheios de melancolia, ou-
tros apaixonados, ardentes, a lançar
chispas.

Poderia não? se olha para a moça, mais
bonita d'aquelles arredores, sabe-se que
tão de... (aqui o texto se interrompe)

'ransbordar de ternura, de uma ternura
a que se não pode resistir; olhar que, pa-
rece, nos penetra 'nalma, enchendo-a de
luz, de uma luz suave e branda, tão aca-
riçadôra e tão bôa...

E quando ella dança, meu Deus, que re-
quebros que faz com o corpo! corpo es-
culptural e flexivel, de uma graça attra-
hente, encantadora.

De seus pretendentes todos, o preferido
é o José da Rita, um rapagão forte, filho
do dono da casa.

Entretanto, mal desconfiam os outros
d'essa preferencia bem pouco manifesta-
da: olhares trocados a furto, galanteios,
mil protestos murmurados a medo, em
voz muito baixa...

IV

Madrugada. Ao redor da fogueira, sem
chammás, transformada 'num grande bra-
zeiro, se dança ainda, porem mais de va-
gar, sem animação, que o canção e o
somno começam a apoderar-se de todos.

Já muitos dormem a bom dormir, dei-
tados aqui e ali, na areia fria da estrada,
toda humedecida pelo orvalho que cai.

Da viola, que parece chorar, que sus-
pira, desprendem-se enfraquecidos harpe-
jos, que se extinguem lentamente, ma-
goados, repassados de profunda triste-
za...

E os primeiros clarões do dia, que não
tarda, surgem no oriente, pouco a pouco,
indecisos, muito tenues, quasi indistintos;
emquanto a lua desaparece por traz da
serrania que se ergue além, muito longe.
«manchando o azul purissimo do céu...»

Ceará, 29-6-96.

A.

Imprensa litteraria

Durante a interrupção d'O Pão recebeu
elle abundante remessa de revistas lit-
terarias cujos numeros deixamos de men-
cionar hoje aqui por absoluta falta de
espaço. Iremos porem de agora em diante
registrando tudo o que recebermos, não só
para inteirar os nossos bondosos leito-
res do movimento litterario que se opera
em nosso paiz, como tambem para agra-
decer as respectivas redações a honra da
permuta. Por hoje apenas annunciamos a
recepção das seguintes:

— A *Brasa* de numero 1 a 25. Os nos-
sos leitores talvez não tenham uma per-
feita noção do que seja esta delicio-
sa revista em copias paginas o Julião
Machado e o Olavo Bilac, dois artistas
de eleição, accumulam carraidas de talento
numa prodigalidade de nababes. Pois
bem, a Padaria orgulha-se de possuir a
collecção completa d'A *Brasa*, cuja re-
messa lhe tem sido feita pelo Sr. San-
ta Lage & C, gerentes e proprietarios
da mesma. E talvez a unica collecção
que existe no Ceará, pois peza nos re-
velar esta verdade. — A *Brasa* que é uma
revista unica ao genero no Brazil, on-
tes em lingua portugueza não conta
nenhum assignante nesta capital.

Vamos, meus senhores! procuramos al-
testar o nosso bom gosto pelas boas let-
tras e pelas bellas artes, e (1896) que
custa uma assignatura da *Brasa* não
constitue um fortuna e nem a ruina a mu-
guem. Com esta assignatura importa-
cia poder o leitor de bom gosto possuir o
melhor e mais artistico jornal que ate
hoje se tem publicado nos Brasis. Que
todos os senhores que colorem e dirigam
nos Brasis, Sr. Santa Lage, Ruy da
Silva, e Sr. F. de S. Capitão, tenham

— *Don Quixote*. Temos tambem rece-
bido com toda pontualidade esta mag-
nica revista caricata fluminense onde o
lapis privilegiado de Angelo Agostini faz
as delicias de um milhão de leitores. Se-
ria ocioso fazermos qualquer reclamo ao
Don Quixote, porque todos os nossos
leitores sabem muito bem o que elle e
Portanto, apenas nos limitamos a annun-
ciar o seu recebimento, agradecendo a sua
redacção ter-nos visitado durante a nos-
sa interrupção.

Não temos recebido nem a *Revista
Brazileira* nem a *Revista Illustrada*,
que tambem nos distinguiam com suas
visitas. Que tomem nota desta nossa re-
clamação os dignos gerentes das duas
revistas fluminenses.

SACYRO ALLEGRETE.

Carteira

Dr. Mello Rezende

No dia 29 do mez findo passou para a
sua, acompanhando pessoas de sua fami-
lia, este nosso querido e talentoso amigo,
sócio correspondente da Padaria Espiri-
tual em Manaus.

Fomos recebê-lo a bordo e acompanhá-
mo-lo à casa de Rodolpho Theophilo,
onde lhe foi offerecido um delicado al-
moço.

Um grande alegrão para nós a visita de
Mello Rezende, esse bello rapaz em cujo
espírito se alliam as scintillações do ta-
lento aos mais altos dotes de coração.

A elle e aos seus—boa viagem e mil
venturas.

Dr. Americo Barreira

Regressou à Bahia este nosso distincto
conterraneo, depois de uma curta visita
à casa paterna.

Acompanham-no as saudades de todos
nós da Padaria Espiritual, que se honra
em tê-lo como seu representante naquella
cidade.

As nossas 8338388

A nossa associação tem-se reunido re-
gularmente às quarta-feiras, para leitura
de trabalhos litterarios e confabulações
sobre coisas da intelligencia.

Na sessão de 19 do mez findo foi es-
colhido Padreiro-mor, na vaga de José
Carlos Junior, o nosso consocio Rodolpho
Theophilo.

Numerosos trabalhos litterarios tem
sido exhibidos, parte dos quaes já figura
no presente numda da nossa revista.

Edmond de Goncourt

Este nome, tão caro a todos os espi-
ritos delicados, pertence actualmente a
um morto.

Ed. de Goncourt foi fazer companhia
ao seu pobre Julio, que tanto trabalhou
para a gloria common dos dois artistas
impecaveis e transcendentes da prosa
franceza.

Em nosso proximo numero daremos
um artigo de Antonio Salles sobre o de-
licadissimo estylista de *Souza Philo-
mena*.

José Heitor

É nosso hospede este distincto muco-
adivinho em Camêta e no alro da Mota
Litteraria.

Edificamos que nos acessem a nossa re-
vista propinquamente, e a nossa revista
dará a conhecer a todos os leitores